

A light green silhouette of the European continent is positioned on the left side of the page. The text is centered over the right portion of this map. The text is in a bold, black, sans-serif font, arranged in four lines. The top and bottom of the page feature solid green horizontal bars.

**DOCUMENTO FINAL
DA ETAPA
CONTINENTAL EM
EUROPA**

“Olhai! É bela uma Igreja humilde que não se separa do mundo nem olha a vida com indiferença, mas habita dentro dela. Habitar dentro – não o esqueçamos – é partilhar, caminhar juntos, acolher os interrogativos e as expetativas do povo.”

(Papa Francisco)

Assembleia Continental Europeia: observações finais

No final de quatro dias de escuta e de diálogo a partir das ressonâncias suscitadas pelo *Documento de Trabalho para a Etapa Continental* no seio das Igrejas de onde somos provenientes, como Assembleia Continental Europeia, damos-nos conta de que fizemos uma experiência profundamente espiritual através do método sinodal.

Este é o fruto pelo qual damos graças ao Espírito que nos guiou e que queremos partilhar aqui. Aprofundámos os conhecimentos que as comunidades eclesiais do nosso continente adquiriram com o processo sinodal, bem como as tensões e questões que as Igrejas europeias enfrentam¹.

Acima de tudo, voltámos a sentir a dor das feridas que marcam a nossa história recente, a começar pelas infligidas à Igreja pelos abusos cometidos por algumas pessoas no desempenho do seu ministério ou cargo eclesial, e a terminar pelas causadas pela violência monstruosa da guerra de agressão que ensanguentou a Ucrânia e pelo terramoto que devastou a Turquia e a Síria.

Este trabalho, que foi rico e apaixonante, embora não isento de problemas e dificuldades, permitiu-nos olhar nos olhos a Igreja que está na Europa, com todos os tesouros das duas grandes tradições latinas e orientais que a compõem. Com uma consciência que foi crescendo ao longo da Assembleia, sentimos hoje que podemos afirmar que a nossa Igreja é bela, portadora de uma variedade que é também a nossa riqueza. Sentimos que a amamos ainda mais profundamente, apesar das feridas que infligiu, pelas quais precisa de pedir perdão para poder passar verdadeiramente à reconciliação, à cura da memória e ao acolhimento dos feridos. Estamos convencidos de que estes sentimentos enchem também os corações de todas as pessoas que estarão envolvidas no caminho do Sínodo 2021-2024 a partir de setembro de 2021.

Ao longo dos dias da Assembleia, fizemos uma experiência espiritual que nos levou a experimentar, pela primeira vez, que é possível encontrarmo-nos, escutarmo-nos e dialogar a partir das nossas diferenças e para além dos muitos obstáculos, muros e barreiras que a nossa história nos coloca no caminho. Precisamos de amar a variedade dentro da nossa Igreja e apoiarmo-nos mutuamente na estima mútua, fortalecidos pela nossa fé no Senhor e pelo poder do seu Espírito.

É por isso que queremos continuar a caminhar num estilo sinodal: mais do que uma metodologia, consideramo-lo um modo de vida da nossa Igreja, de discernimento comunitário e de discernimento dos sinais dos tempos. Concretamente, queremos

¹ Um documento mais articulado testemunhará este trabalho, que será enviado ao Secretariado Geral do Sínodo como contributo para as próximas etapas do processo sinodal, a começar pela elaboração do *Instrumentum laboris* da Assembleia Sinodal, em outubro próximo. Juntamente com muitas informações sobre o nosso trabalho e as gravações de todas as sessões plenárias, este documento estará disponível no sítio Web da Assembleia Continental de Praga, <https://prague.synod2023.org>, e nos sítios Web das Conferências Episcopais que o desejarem tornar público nas diferentes línguas nacionais.

que esta Assembleia Continental não seja uma experiência isolada, mas que se torne um encontro periódico, baseado na adoção geral do método sinodal que permeia todas as nossas estruturas e procedimentos a todos os níveis. Neste estilo, será possível abordar os temas sobre os quais os nossos esforços devem amadurecer e intensificar-se: o acompanhamento das pessoas feridas, o protagonismo dos jovens e das mulheres, a abertura à aprendizagem com as pessoas marginalizadas...

O estilo sinodal permite também enfrentar as tensões numa perspectiva missionária, sem se deixar paralisar pelo medo, mas tirando delas a energia para continuar o caminho. Duas em particular emergiram no nosso trabalho. A primeira apela à unidade na diversidade, fugindo à tentação da uniformidade. A segunda liga a disponibilidade para acolher como testemunho do amor incondicional do Pai pelos seus filhos com a coragem de anunciar a verdade do Evangelho na sua totalidade: é Deus que promete: "O amor e a verdade encontrar-se-ão" (Sl 85,11).

Sabemos que tudo isto é possível porque o experimentámos durante esta Assembleia, mas mais ainda porque a vida das Igrejas de onde provimos o testemunha. Pensamos aqui, em particular, no diálogo ecuménico e inter-religioso, cujos ecos ressoaram fortemente nos nossos trabalhos. Mas, sobretudo, acreditamos que é possível porque a graça está envolvida: construir uma Igreja cada vez mais sinodal é, de facto, um modo de concretizar a igualdade em dignidade de todos os membros da Igreja, fundada no batismo, que nos configura como filhos de Deus e membros do corpo de Cristo, co-responsáveis pela missão única de evangelização confiada pelo Senhor à sua Igreja.

Estamos confiantes de que a continuação do Sínodo 2021-2024 pode apoiar-nos e acompanhar-nos, nomeadamente abordando certas prioridades a nível da Assembleia Sinodal:

- aprofundar a prática, a teologia e a hermenêutica da sinodalidade. Temos de redescobrir algo que é antigo e pertence à natureza da Igreja, e que é sempre novo. Esta é uma tarefa para nós. Estamos a dar os primeiros passos num caminho que se vai abrindo à medida que o percorremos;
- abordar o significado de uma Igreja totalmente ministerial, como um horizonte no qual colocar a reflexão sobre os carismas e os ministérios (ordenados e não ordenados) e as relações entre eles;
- explorar formas para um exercício sinodal da autoridade, ou seja, o serviço de acompanhamento da comunidade e de guarda da unidade;
- clarificar os critérios de discernimento para o processo sinodal e a que nível, do local ao universal, as decisões devem ser tomadas.
- tomar decisões concretas e corajosas sobre o papel das mulheres na Igreja e sobre o seu maior envolvimento a todos os níveis, incluindo na tomada de decisões;
- Considerar as tensões em torno da liturgia, para que a Eucaristia como fonte de comunhão possa ser entendida sinodalmente;
- cuidar da formação para a sinodalidade de todo o Povo de Deus, com particular atenção ao discernimento dos sinais dos tempos em vista do cumprimento da missão comum;

- Renovar o sentido vivo da missão, superando a clivagem entre fé e cultura para voltar a levar o Evangelho ao sentir das pessoas, encontrando uma linguagem capaz de articular tradição e atualização, mas sobretudo caminhando com as pessoas em vez de falar delas ou para elas. O Espírito pede-nos que escutemos o grito dos pobres e da terra na nossa Europa, e em particular o grito desesperado das vítimas da guerra que pedem uma paz justa.

Amar a Igreja, a riqueza da sua diversidade, não é uma forma de sentimentalismo por si mesmo. A Igreja é bela porque o Senhor assim a quer, em vista da missão que lhe confiou: anunciar o Evangelho e convidar todos os homens e mulheres a entrar na dinâmica de comunhão, participação e missão que constitui a sua razão de ser, animada pela vitalidade perene do Espírito. Amar a nossa Igreja europeia significa, portanto, renovar o nosso compromisso de realizar esta missão, também no nosso continente, numa cultura marcada pelas muitas diferenças que conhecemos.

Confiemos a continuação do nosso caminho sinodal aos Santos Padroeiros e Mártires da Europa!

Adsumus Sancte Spiritus!

Documento final

1. Introdução: a experiência da Assembleia Continental Europeia

1. A Assembleia Continental Europeia reuniu-se em Praga no âmbito de um caminho iniciado em 2021: o Sínodo 2021-2024, "Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão". Os frutos da primeira fase do Sínodo, dedicada à consulta do Povo de Deus, que envolveu milhões de pessoas, foram sintetizados no *Documento de Trabalho para a Etapa Continental* (DEC). Este foi apresentado às nossas Igrejas locais - bem como às de cada um dos outros continentes - com o objetivo de recolher as suas ressonâncias e facilitar o diálogo entre as Igrejas na Europa.

2. Foi a primeira vez na Europa que o Povo de Deus - bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas - se reuniu para se escutar e dialogar, num clima de oração e de escuta da Palavra de Deus². Foi uma experiência nova e inesperada. Durante os dias de trabalho, a alegria de fazer parte da Igreja, que tínhamos experimentado na etapa diocesana, floresceu e multiplicou-se. Cada um de nós pôde confrontar-se com realidades diferentes daquela em que vive, e juntos descobrimos uma adesão comum a Cristo. Por vezes, experimentamos tensões e incertezas, mas estamos conscientes de que, com base na fé no Senhor, podemos

² A CCEE e a UCESM (União das Conferências Europeias dos Superiores Maiores) convidaram as comunidades de vida contemplativa do continente a acompanhar os trabalhos da Assembleia com a oração, especialmente com a adoração silenciosa contínua.

continuar a caminhar juntos. No final de quatro dias de escuta e de diálogo a partir das ressonâncias suscitadas pela DEC no seio das Igrejas de onde provimos, como Assembleia Continental Europeia, damos-nos conta de que fizemos uma experiência profundamente espiritual através do método sinodal. Este é o fruto pelo qual damos graças ao Espírito que nos guiou e que queremos partilhar aqui.

3. Aprofundámos os conhecimentos que as comunidades eclesiais do nosso continente adquiriram através do processo sinodal, bem como as tensões e questões que as Igrejas europeias enfrentam. Este trabalho, rico e apaixonante, embora não isento de problemas e dificuldades, permitiu-nos olhar nos olhos da Igreja que está na Europa, com todos os seus tesouros, a começar pelos das grandes tradições latinas e orientais que a compõem. Neste caminho de escuta dos cipriotas, apercebemo-nos de que podemos estar unidos na diversidade: *“A diversidade, que não falta - na história, na cultura, nas tradições, nos contextos sócio-religiosos - é uma grande riqueza. Experimentámos a beleza do diálogo a 360 graus, não só a Leste e a Oeste, mas também a Norte e a Sul, não esqueçamos: de Chipre e Malta aos países nórdicos. Estamos a trocar dons preciosos que geram fraternidade e nos dispõem para a missão.*

4. Com uma consciência que foi crescendo ao longo da Assembleia, sentimos hoje que podemos afirmar que a nossa Igreja é bela, portadora de uma variedade que é também a nossa riqueza. Sentimos que a amamos ainda mais profundamente, apesar das feridas que infligiu, pelas quais precisa de pedir perdão para passar verdadeiramente à reconciliação, curando a memória e acolhendo os feridos. Estamos convencidos de que estes sentimentos enchem também os corações de todas as pessoas que estão envolvidas no caminho do Sínodo 2021-2024 desde setembro de 2021.

1.1. A composição da Assembleia e a organização dos trabalhos

5. As Igrejas na Europa caracterizam-se por uma grande variedade de línguas, culturas e ritos. No total, a Assembleia era composta por 200 pessoas: 140 delegados dos 39 membros da CCEE (cada membro podia nomear até quatro), mais 42 convidados, representando o Secretariado Geral do Sínodo, as Comissões da CCEE e várias instituições, redes, associações e movimentos da Igreja Católica activos a nível continental. Além disso, cada membro da CCEE escolheu até dez delegados (num total de 269 participantes) que participaram nos trabalhos à distância através da Internet e deram o seu contributo no trabalho de grupo em linha. Por fim, estiveram ao serviço dos trabalhos os membros do Secretariado dos CCEE e do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Checa, o Comité Editorial deste Documento e a Equipa dos Media³.

6. Cada delegação trouxe consigo o fruto do trabalho preparatório, ou seja, as reacções ao DEC recolhidas em cada Igreja local, a partir das perguntas formuladas no nº 106 do DEC. Cada Igreja local organizou a recolha de reacções ao DEC da forma mais adequada às circunstâncias.

³ A lista completa dos participantes está disponível no Anexo A.

7. Os trabalhos da Assembleia Continental Europeia de Praga foram conduzidos em cinco línguas (francês, inglês, italiano, polaco e alemão). Após a sessão introdutória, os trabalhos⁴ foram divididos em três unidades, cada uma das quais estruturada como uma ampla conversa espiritual: intervenção das delegações em plenário; partilha de ressonâncias nos grupos de trabalho; expressão e recolha de pontos comuns novamente em plenário (relatórios de grupo e intervenções livres). Os delegados que participaram à distância foram divididos em grupos que trabalharam na plataforma, relatando os seus intercâmbios numa sessão especial.

8. Numa opção precisa de transparência e para facilitar a participação mais alargada possível, todas as sessões plenárias da Assembleia Continental Europeia em Praga foram transmitidas em streaming e as gravações permanecem disponíveis no canal YouTube do Gabinete de Imprensa dos PECO, em <<https://www.youtube.com/@CCEEMediaoffice/streams>>. O texto das intervenções das delegações, outras intervenções, discursos e homilias, bem como os relatórios dos trabalhos de grupo, estão disponíveis no sítio oficial da Assembleia Continental Europeia, <<https://prague.synod2023.org>>. Deles provêm as citações que pontuam este Documento⁵, que pretende assim representar a riqueza e a vivacidade do intercâmbio através da voz direta daqueles que nele participaram. Foram escolhidas por exprimirem de forma concisa, forte ou precisa sentimentos também partilhados por outros participantes, e não para indicar a adesão a uma posição particular⁶.

9. Este Documento foi redigido por uma Comissão de Redação especialmente nomeada pela Presidência da CCEE, a partir da escuta de todas as contribuições, relatórios e intervenções apresentadas durante os trabalhos e com base no esquema sugerido pela Secretaria Geral do Sínodo. Um primeiro esboço foi lido numa das sessões do último dia dos trabalhos e foi aprovado pela Assembleia. Em seguida, foram recolhidas reacções e propostas de alteração, quer durante a sessão plenária, quer através do envio de textos escritos. O grupo de redação examinou-as e alterou o texto, se necessário, até lhe dar a sua forma final.

10. O presente Documento tem como único objetivo fazer um balanço sintético dos trabalhos da Assembleia Continental Europeia e oferecer o contributo das Igrejas europeias para o diálogo a nível universal, particularmente na perspectiva da elaboração do *Instrumentum laboris* da Assembleia Sinodal em outubro de 2023. Dá, portanto, voz às principais intuições e consonâncias registadas, mas também às divergências e tensões que não deixaram de emergir, com vista a identificar as prioridades a submeter ao discernimento da Assembleia Sinodal em preparação. Trata-se de um relato que a Assembleia Continental Europeia reconheceu como fiel ao trabalho efectuado. O Documento não oferece soluções ou interpretações teológicas, mas pretende apresentar as tensões que as Igrejas locais trouxeram à

⁴ O programa de trabalho pormenorizado consta do Anexo B.

⁵ Per quanto riguarda i membri del CCEE, si indica semplicemente il nome del Paese, salvo l'eparchia di Mukachevo, l'Ucraina (in cui si distingue tra Chiesa greco-cattolica e Chiesa latina), e le due Conferenze episcopali plurinazionali: Paesi nordici (Svezia, Danimarca, Norvegia, Finlandia, Islanda) e Conferenza episcopale internazionale dei santi Cirillo e Metodio (Serbia, Macedonia del Nord, Montenegro e Kosovo). Per le citazioni dai resoconti dei lavori di gruppo, si indica la lingua in cui hanno lavorato.

⁶ Nel considerare queste citazioni, bisogna tenere conto che spesso si tratta della traduzione in una delle cinque lingue di lavoro di un testo originariamente formulato in una diversa lingua.

tona. Por isso, não pode ser interpretado como a expressão de uma posição definitiva ou a indicação de estratégias operacionais das Igrejas europeias sobre questões que são adiadas para o discernimento das fases subsequentes do processo sinodal.

11. Depois de delinear brevemente alguns elementos básicos do contexto em que as Igrejas europeias vivem e trabalham, no qual, portanto, a Assembleia Continental de Praga também deve ser colocada, o texto continuará a identificar sete intuições sobre as quais se deve basear o caminho para uma Igreja sinodal numa perspetiva europeia e, portanto, sete tensões a partir das quais as Igrejas europeias se sentem desafiadas a continuar o seu caminho; concluirá então com a formulação do que as Igrejas europeias consideram ser as prioridades para o trabalho da Assembleia Sinodal em outubro de 2023.

1.2. Algumas características do contexto em que as Igrejas europeias operam

12. Durante os trabalhos da Assembleia, fomos atingidos pela notícia dos dramáticos tremores de terra que atingiram o sul da Turquia e o norte da Síria em 6 de fevereiro de 2023. Dezenas de milhares de pessoas perderam a vida. Na oração, a Assembleia exprime a sua solidariedade para com as pessoas particularmente afectadas pelo terramoto.

13. A Europa foi profundamente afetada pela dor e pelo sofrimento da guerra de agressão desencadeada contra a Ucrânia há um ano. A Assembleia ficou profundamente comovida com a presença de pessoas das regiões afectadas. A situação levantou novas questões: *“Seria bom, juntamente com a Igreja universal, refletir sobre como mostrar Cristo em condições de guerra e pós-conflito. Como chegar às pessoas afectadas pela violência e pela violação com a Boa Nova?”* (Ucrânia, Igreja latina).

14. As Igrejas europeias são profundamente afectadas pela crise dos abusos sexuais e outros. Foi sublinhado, antes de mais, que a voz corajosa das vítimas *“foi ao cerne do que é necessário para a nossa Igreja: a conversão”* (Irlanda). Uma vez que a credibilidade da Igreja está em causa, é necessário abordar tanto os casos de abuso e as feridas que causam, como a questão do seu tratamento pelas autoridades eclesiais.

15. A experiência sinodal insere-se no contexto peculiar que caracteriza as Igrejas europeias, a partir das diversidades que a atravessam, criando também tensões entre as suas partes: entre a Europa de Leste e a Europa Ocidental, herança da divisão do continente em blocos opostos no final da Segunda Guerra Mundial, mas também entre o Norte e o Sul, entre países de tradição católica e outros onde os católicos ou mesmo os cristãos são minoritários desde há séculos. No entanto, o trabalho da Assembleia dá-nos uma imagem da Europa e das Igrejas europeias muito mais variada do que os estereótipos tradicionais de grandes blocos homogêneos e opostos. O pluralismo confessional que caracterizou a Europa durante séculos é hoje o terreno em que florescem iniciativas ecuménicas de muitos tipos, a começar pelo

ecumenismo da prática.

16. O contexto religioso da Europa contemporânea é marcado sobretudo pelo fenómeno da secularização: *“a nossa rica tradição cristã europeia traz também consigo uma bagagem que transportamos num contexto de acentuada secularização. Neste contexto, devemos abrir novas vias ao desejo de ‘ir ao encontro de todos com a lâmpada acesa do Evangelho’”* (Malta). *“Uma atitude negativa de condenação em relação ao mundo e à sociedade é estéril. Temos muito para oferecer ao mundo, mas também muito para receber. A abertura ao mundo pode ajudar-nos a compreender melhor o Evangelho. [...] Todo o processo sinodal convida-nos a compreender os sinais do nosso tempo, incluindo os sinais da sociedade secularizada contemporânea”* (Bélgica). Os desafios actuais incluem a necessidade de estabelecer um *“diálogo com a cultura e o pensamento contemporâneos, em questões como a inteligência artificial, a robótica ou as questões de identidade de género (LGBTQIA+)”* (Portugal). Apesar das dificuldades, o processo sinodal é visto como uma oportunidade numa cultura secularizada: *“Alargando a nossa tenda, devemos ser capazes de acompanhar o maior número possível de pessoas no caminho da experiência cristã”* (Mónaco).

17. As Igrejas na Europa também têm de lidar com o problema da migração. Provocadas por guerras ou por situações económicas desastrosas, estas migrações também afastam os membros das comunidades cristãs, empobrecendo-as e tornando-as quase irrelevantes. Alguns *“estão em risco por várias razões, principalmente a pobreza e a o fenómeno migratório, a desaparecer e a ver interrompida a transmissão da tradição da fé”* (Moldávia). Noutros lugares, porém, as comunidades lutam para lidar com um súbito influxo de estrangeiros, que podem mesmo constituir a grande maioria: *“a nova realidade da Igreja Católica na Grécia: 50.000 católicos gregos e 150.000 católicos imigrantes e refugiados. [...] Algumas paróquias têm uma maioria estrangeira (95% nas três paróquias do centro de Atenas, em Rodes, em Mykonos), com uma pequena presença de gregos. Algumas centenas de africanos são clandestinos porque não têm documentos. Outras paróquias têm um rosto multinacional. Só nas ilhas com uma presença católica multi-secular é que todos os gregos estão presentes. O problema é agravado pelo facto de muitos milhares de imigrantes viverem em cidades, aldeias e ilhas sem um pároco católico e, portanto, sem uma vida eclesial católica”* (Grécia).

18. Em várias ocasiões, foi sublinhado que as Igrejas na Europa são Igrejas do martírio, incluindo o pedido de elaboração de um martirólogo europeu comum *“para difundir a memória dos mártires do nosso continente e deixarmo-nos guiar pelo seu testemunho para crescer na fé e na fidelidade à nossa identidade cristã e católica”* (Discurso livre de um convidado).

19. No meio de desafios tão complexos, a maioria das delegações exprimiu a necessidade de reavivar a escuta da Palavra de Deus: *“É essencial que a Igreja dê à Palavra de Deus todo o espaço que ela merece, reintegrando a dimensão espiritual na*

sua vida quotidiana, em todas as suas actividades pastorais e também na condução da atividade governamental” (França).

2. Por uma Igreja sinodal numa perspetiva europeia

20. O debate e o intercâmbio a partir do DEC levaram à identificação de sete pontos de referência para o caminho da construção de uma Igreja sinodal numa perspetiva europeia. Trata-se de intuições partilhadas, nas quais todos nos podemos inspirar e pôr em prática, encarnando-as em contextos locais concretos: 1) a dimensão espiritual da sinodalidade, em vista de uma contínua conversão a Cristo; 2) a redescoberta da dignidade batismal comum e das suas implicações; 3) a ligação intrínseca entre sinodalidade e missão; 4) o diálogo como modo de vida da Igreja; 5) o empenho em superar os preconceitos e reconciliar a memória; 6) a atenção preferencial às famílias, às mulheres e aos jovens; 7) a adoção do método sinodal para todos os processos eclesiais.

2.1. Andar com Cristo, cheio do seu Espírito

21. O modo de vida de Jesus, a sua existência kenótica ao serviço da humanidade, é um caminho que todos os cristãos e todas as comunidades cristãs são convidados a percorrer: *“A conversão, entendida como conformação interior e exterior a Cristo servo, deve ser o primeiro e o último critério do caminho sinodal, que molda o estilo da Igreja do futuro”* (Turquia). O próprio termo “sínodo” remete para a pessoa de Jesus: *“No nosso caminho sinodal, foi sublinhada a imagem da Igreja como comunidade de todos os fiéis de Cristo. Os fiéis que estão com Cristo, que disse de si mesmo: “Eu sou hodos” = o caminho (também: a verdade e a vida). [...] Os cristãos são “synodoi” (Inácio de Antioquia). Assim, a sinodalidade é, antes de mais, “con-cristianismo”. E os ‘synodoi’ são todos ‘com-Cristo’. Ou seja, precisamente porque com Cristo, e só sobre esta base cristológica, todos os baptizados são ‘synodoi’ no tempo da salvação, no seguimento de Cristo e no serviço aos irmãos, na sua peregrinação para Cristo ressuscitado”* (Bósnia-Herzegovina).

22. De forma complementar, numerosas intervenções nas plenárias e nos trabalhos de grupo apontaram o Espírito Santo como o principal protagonista e força motriz do caminho sinodal. O teólogo checo Tomáš Halík salientou-o na sua reflexão espiritual introdutória: *“É sobretudo através da espiritualidade - da experiência espiritual de cada crente e de toda a Igreja - que o Espírito nos introduz gradualmente em toda a verdade”*. Experimentámos isto diretamente durante a Assembleia de Praga, meditando sobre o ícone do Pentecostes apresentado pela Igreja eslovaca: todos os presentes estão unidos, mesmo que as cores das suas roupas sejam diferentes. A imagem reflecte o que nós experimentámos: a diversidade de opiniões expressas não é um obstáculo ao desejo declarado por todos de serem fiéis a Cristo e de participarem juntos na construção de uma Igreja de unidade na diversidade, guiada

pelo Espírito Santo, *cum Petro e sub Petro*.

23. Prosseguir no caminho sinodal exige *“manter um espírito de contínuo discernimento para que a Igreja seja sempre lugar de encontro pessoal e comunitário com Jesus e o seu Evangelho, e ponto de partida para a missão”* (Portugal). Se Cristo é o nosso modelo e o Espírito é a fonte da energia que nos impele, a atitude de conversão e o cuidado com a dimensão espiritual são indispensáveis para nos mantermos atentos à sua voz. Por isso, no coração de uma Igreja sinodal só pode estar uma relação pessoal com Deus: *“Só quando fazemos uma experiência pessoal de Deus Pai é que podemos ser irmãos e irmãs em Cristo uns dos outros, indo ao mundo com o conteúdo do Evangelho e revelando a riqueza da fé”* (Eslovénia). Cultivar esta relação exige um caminho de conversão que envolve também as comunidades no seu conjunto e para além delas: *“Acreditamos que o fundamento de todas as nossas acções, desejos e propostas deve ser a conversão pessoal e comunitária e a comunhão com Cristo, uns com os outros e com os irmãos”* (Espanha).

24. A fidelidade a Cristo deve ser vivida também como uma união espiritual com aqueles que deram a vida pelo Evangelho: *“O martírio de homens e mulheres, consagrados ou não, ensina-nos que a comunhão é possível apesar das duras provas; que a fidelidade a Deus é o mais belo testemunho que se pode oferecer à humanidade de todos os tempos”* (Albânia). De facto, *“os mártires cristãos não deram a vida por um costume, mas pela Verdade: por Cristo”* (Hungria).

2.2. A dignidade batismal comum deve ser redescoberta

25. *“No batismo, somos enxertados em Cristo”* (Eslovénia). Muitas reacções à DEC sublinham a ligação a Cristo através do batismo e as consequências que daí advêm: *“todos somos chamados à santidade e partilhamos a responsabilidade de edificar a Igreja”* (inglês). Por conseguinte: *“Temos de reconhecer e reafirmar a nossa dignidade batismal comum como base para a renovação da vida e do serviço na Igreja. Cada pessoa baptizada deve tornar-se mais consciente da sua identidade, dignidade e vocação em Cristo. [...] Cada vocação deve ser melhor compreendida e mais amplamente apreciada se quisermos cultivar o carácter colegial da Igreja”* (Escócia). O processo sinodal foi muito útil para muitos como oportunidade de se reapropriarem, através da experiência, desta consciência: *“a intuição que emergiu fortemente neste caminho sinodal foi a redescoberta da dignidade batismal e da responsabilidade comum que dela deriva para a construção e a missão da Igreja”* (Itália).

26. A igual dignidade devida ao batismo comum foi recordada várias vezes. Esta afirmação teológica assume uma dimensão mais concreta e urgente quando nos leva a interrogarmo-nos sobre o lugar e o papel da mulher na Igreja: *“A atual experiência sinodal é um importante sinal de esperança para muitos e encoraja-os na busca comum de novos caminhos credíveis. Isto inclui o reconhecimento da dignidade e da vocação de todos os baptizados, especialmente das mulheres”* (Suíça). Por outras palavras, *“o envolvimento das mulheres não é uma substituição da escassez masculina, mas uma implementação responsável da teologia do sacerdócio comum dos fiéis”* (República

Checa). O desafio é ainda mais crucial no que diz respeito aos jovens.

2.3. A sinodalidade ao serviço da missão

27. A sinodalidade tem uma dimensão constitutivamente missionária. Descobrimo o dinamismo da evangelização e renovando-se, as nossas Igrejas locais apercebem-se de que a sinodalidade e a missão são interdependentes e uma tarefa permanente da Igreja. A sinodalidade é um caminho comum a diferentes níveis, é um novo estilo de ser Igreja missionária e é o quadro da nossa participação na missão divina: *“Se levamos a sério o princípio da sinodalidade, então a missão não pode ser entendida como um processo unilateral, mas antes como um encontro num espírito de diálogo, uma procura de compreensão mútua. A sinodalidade é um processo de aprendizagem em que não só ensinamos, mas também aprendemos”* (Tomáš Halík, Reflexão Espiritual Introdutória).

28. Ao caminharmos como Igreja sinodal missionária, encontramos companheiros que aprendemos a amar e a apreciar, porque juntos somos chamados a testemunhar o amor de Cristo no mundo ferido. As expectativas das pessoas em relação à Igreja são grandes. Os fiéis querem moldar a esta Igreja missionária e querem que a sua opinião, a sua vida quotidiana, as suas preocupações, o seu sofrimento sejam ouvidos.

29. Ser uma Igreja missionária significa, ao mesmo tempo, escutar como seguidores de Cristo, ver as feridas existenciais das pessoas, da humanidade e da criação, e atuar para as resolver: *“Uma Igreja sinodal pode ajudar a curar e a reparar estas feridas. Pode ajudar-nos a reconciliarmo-nos connosco próprios, com Deus, uns com os outros e com a criação”* (Irlanda). A ênfase dada pela DEC ao carácter diaconal de uma Igreja sinodal missionária foi muito bem acolhida. Para exprimir a sua importância, é frequente a imagem da Igreja como um hospital de campanha.

30. Nos nossos dias não faltam feridas, na Europa e em todo o mundo: a guerra na Ucrânia, as crises existenciais das pessoas, a degradação do ambiente, a pandemia e as feridas causadas às pessoas pela Igreja através de abusos e de todas as formas de violência, exclusão e humilhação. *“Muitas vozes expressam a sua gratidão pelo facto de o documento se centrar nas crises prementes do presente. Pensamos em particular nas crises existenciais da proteção da criação, da justiça climática, das guerras, da pobreza e da doença. Como Igreja na Suíça, podemos empenhar-nos com credibilidade nestas crises se também trabalharmos nos nossos próprios problemas internos e os resolvermos”* (Suíça).

31. A sinodalidade apoia a Igreja no processo de se tornar cada vez mais missionária, mas também revela rapidamente obstáculos e tensões que devem ser superados ou suportados ao longo do caminho. Uma Igreja sinodal adopta critérios de avaliação diferentes; não evita o diálogo, mas procura-o; não desvaloriza, mas esforça-se por sair das suas próprias seguranças e questionar-se; abre espaços de experimentação e procura soluções subsidiárias, se necessário.

2.4. Crescer como uma Igreja de Diálogo

32. Para a Igreja, o diálogo é uma forma de vida, com sólidos fundamentos trinitários e eclesiológicos, que deve moldar as nossas relações a todos os níveis, começando pelas relações dentro e entre as nossas Igrejas locais. Depois, diz respeito às relações ecumênicas e inter-religiosas, às relações com a sociedade e à abordagem dos marginalizados e feridos.

33. As nossas Igrejas locais caracterizam-se por uma diversidade rica, mas nem sempre fácil de conviver: coexistem diferentes nacionalidades e grupos étnicos, e crenças das tradições ocidentais e orientais da nossa Igreja. Esta diversidade interna é particularmente notória nas Igrejas da Moldávia, da Romênia e da Ucrânia: *“Num contexto minoritário, uma dificuldade suplementar é representada pela diferença de culturas entre os católicos pertencentes à mesma comunidade eclesial, que experimentam a separação das tradições, das línguas e o fechamento no sentido de pertença que gera divisão”* (Moldávia). Em todo o caso, *“a diversidade não deve ser vista apenas como um problema, mas como um recurso (os ritos das diferentes igrejas, a liturgia, a história e as tradições das igrejas nacionais na Europa, etc.). Todas estas realidades exigem uma transformação dos nossos corações, da linguagem que utilizamos em relação à cultura atual. Todos nos sentimos envolvidos no caminho do encontro, que começa com a nossa metanoia.*

34. No que diz respeito às relações com outras denominações cristãs e confissões religiosas, foi salientado que, em muitas partes da Europa, os católicos são uma pequena minoria e têm uma rica experiência do que significa pensar e viver ecumenicamente, tanto com as Igrejas protestantes como com as ortodoxas. Muitas Igrejas locais estão envolvidas no diálogo com o judaísmo e no diálogo inter-religioso, especialmente com o Islão (por exemplo, Turquia, Bósnia-Herzegovina, Albânia): *“O esforço ecumênico da comunidade católica para com os cristãos ortodoxos (há muito poucos outros cristãos no país) e o trabalho de diálogo com os muçulmanos e a comunidade judaica fazem parte da vida da Igreja numa sociedade religiosa e etnicamente mista”* (Bósnia-Herzegovina).

35. As Igrejas dos países da Europa de Leste e do Sudeste têm consciência de que estão na fronteira com o mundo ortodoxo ou vivem em conjunto com os fiéis da Igreja Ortodoxa, que representam a maioria da população. A convivência nem sempre foi fácil e ainda há feridas a sarar. As igrejas locais querem enfrentar esta tarefa: *“O caminho sinodal reavivou a consciência ecumênica. A Igreja greco-católica tem uma vocação ecumênica no seu ADN. Nica e sente dolorosamente a falta de unidade cristã. Não estamos apenas em conflito geográfico com a Ortodoxia, mas sobretudo com os nossos irmãos e irmãs ortodoxos com quem partilhamos a mesma herança ritual e cultural. Naturalmente, queremos intensificar o nosso envolvimento no ecumenismo com todas as denominações, mas especialmente com a nossa Igreja irmã, mostrando iniciativa e criatividade, ultrapassando as feridas e injustiças do passado através de uma verdadeira cura da memória”* (Romênia).

36. As Igrejas da Europa Ocidental e do Norte beneficiam das suas boas relações

ecuménicas com as Igrejas Protestantes. Foi sublinhado que os encontros de oração, bem como as caminhadas em conjunto, não devem limitar-se ao aniversário anual da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, mas devem ir mais longe, identificando novas possibilidades. A delegação da Letónia, por exemplo, falou-nos da tradição de uma Via Sacra ecuménica, que se realiza em Riga na Sexta-feira Santa há 18 anos e que foi também organizada durante a pandemia com a participação das comunidades luterana e batista.

37. O estilo de diálogo também diz respeito às relações com a sociedade secularizada: *“Na Europa, a mudança assume uma forma específica através do confronto com uma sociedade cada vez mais secularizada. Na prática, já não existem sociedades cristãs homogêneas. Não é bom limitarmo-nos a observar esta situação ou a vivê-la como uma ameaça e como algo a que nos devemos opor. Como Igreja, vivemos no mundo, mas não necessariamente num mundo cristão. Isto requer uma mudança de mentalidade e uma verdadeira conversão da nossa parte”* (Bélgica). Ao mesmo tempo, face à secularização e ao pluralismo cultural, alguns expressam o receio de que os ensinamentos da Igreja se diluam e mudem, por exemplo, a compreensão tradicional do matrimónio e da família, exortando a Igreja a permanecer em diálogo com o mundo sem se tornar mundana.

38. As Igrejas locais da Europa estão conscientes de que é necessário entrar e permanecer em diálogo com a sociedade. O diálogo com o mundo ajuda a Igreja a ser missionária, a conhecer e a compreender os sofrimentos e as feridas das pessoas e da criação, e a atuar em conformidade, em primeiro lugar internamente: foi constatada uma tensão *“entre as mudanças sócio-ecológicas que exigimos da sociedade para uma coexistência pacífica na justiça em tempos de múltiplas crises, e a nossa falta de capacidade de conversão para uma maior justiça, por exemplo, no que diz respeito à discriminação contra as mulheres”* (Grupo de Trabalho, língua inglesa online). Para o compromisso com a justiça, a paz e a reconciliação, o tempo é curto: não basta apontar os problemas, é urgente um discernimento que conduza à ação.

2.5. Abordar as feridas abertas, ultrapassar os preconceitos, reconciliar a memória

39. A Igreja infligiu feridas profundas. Muitos colaboradores prestam homenagem a *“mulheres e homens que corajosamente se apresentaram para falar sobre abusos sexuais, institucionais, emocionais, psicológicos, físicos e espirituais por parte de membros da Igreja”* (Irlanda) e salientam como as feridas causadas pelos abusos corroem a credibilidade da Igreja. Manifestando o seu desapontamento com as autoridades eclesíásticas pelo tratamento desdenhoso e não empático dado a estas pessoas, alguns perguntam: *“Até que ponto ainda se faz uma distinção entre os membros de uma instituição e a própria instituição?”* (países nórdicos). Outros consideram que a responsabilidade pelo encobrimento dos abusos é tanto individual como sistémica: *“Há falhas individuais graves; demasiados membros do clero abusaram do seu poder e os responsáveis, sobretudo os bispos, encobriram as atrocidades. Mas há também causas sistémicas do abuso de poder. Não as podemos*

negar. *Estamos determinados a tirar as consequências espirituais e estruturais*” (Alemanha). Alguns apelam a medidas mais decisivas para abordar o problema de forma mais transparente: *“o abuso é uma ferida aberta e continuará a ser um obstáculo à comunhão, à participação e à missão enquanto não for totalmente resolvido”* (Irlanda).

40. *“Só quando ouvimos as vozes que muitas vezes não são ouvidas é que somos capazes de crescer e discernir. Queremos particularmente ouvir as vozes de certos grupos especiais dentro da Igreja: os pobres, os marginalizados, aqueles que se sentem excluídos ou indesejados, a comunidade LGBTQIA+, os divorciados recasados, os migrantes e aqueles cujas vidas não correram como gostariam desejados”* (Países Baixos). A ligação entre a reforma sinodal e a preocupação com as vítimas e os marginalizados na Igreja deve ser mantida: *“nas lutas pelo futuro da Igreja, queremos pôr em primeiro lugar as pessoas concretas e o seu sofrimento”* (Grupo de Trabalho Multilingue). Os doentes e as pessoas com deficiência são também frequentemente mencionados. É urgente tomar medidas, pois muitas pessoas e grupos *sentem-se rejeitados, desprezados e discriminados na nossa Igreja, muitas vezes com boas razões. Pedem a possibilidade de se encontrarem sem medo e de um diálogo honesto entre iguais. O tempo está a passar: reconheçamos que há necessidade de uma verdadeira conversão!”* (Suíça).

41. Durante a Assembleia, surgiram não só diferenças de opinião, mas também acusações mútuas. Mas, para as Igrejas da Europa, o caminho do encontro e da confiança mútua continua aberto: *“Sublinhamos a alegria de estarmos no mesmo caminho entre os países e as Igrejas da Europa, de podermos descobrir que todos nós experimentamos sofrimentos e experiências diferentes, mas temos em comum o amor de Cristo. A Assembleia de Praga não é o fim deste caminho, mas apenas um passo para além do início: todos precisamos de tempo para uma compreensão mais profunda daquilo que os outros dizem, que por vezes é difícil de aceitar para alguns, e que requer mais reflexão, estudo, discernimento e escuta da voz do Espírito Santo que nos quer conduzir a um futuro comum: “Caminhemos juntos no caminho que o Espírito de Deus conduz à nossa Igreja: em muitos lugares, com muitas pessoas, de muitas formas. É um kairós da Igreja descobrir e moldar a sua própria sinodalidade”*. (Alemanha).

42. O encontro e o intercâmbio entre os delegados, nomeadamente durante os trabalhos de grupo, tornaram claro que as diferenças de visão do mundo não se limitam ao Leste e ao Oeste, ao Norte e ao Sul. Apesar das diferenças reais entre as igrejas locais, não é possível traçar um quadro simplista de uma Europa ancorada em velhas divisões. A contribuição luxemburguesa refere *“o grande fosso entre aqueles que procuram a reforma ou mesmo a transformação e aqueles que têm medo da mudança ao ponto de a rejeitarem. Que estes fossos nos tornem curiosos para descobrir os argumentos uns dos outros, que nos tornem vigilantes para nos respeitarmos mutuamente, a fim de construirmos juntos o futuro das nossas comunidades, e não uns contra os outros, vendo a diversidade como uma riqueza”*.

43. 43. O apelo à conversão ressoou no contexto de preconceitos mútuos por parte de indivíduos ou mesmo de comunidades inteiras, incluindo igrejas locais. Todos temos necessidade de *"reconhecer a diversidade dos ambientes de vida e das experiências históricas"* (Croácia) para nos limparmos da memória histórica que nos impede de nos aproximarmos uns dos outros com uma atitude de abertura e de confiança: *"Lendo o DEC, ficamos fascinados com a diversidade global das realidades da nossa fé comum em Cristo. A relação escuta-expressão tornou-se mais equilibrada, e todos nós nos tornamos mais conscientes do valor da forma específica de cada um se exprimir"* (Roménia).

44. Alguns delegados expressaram abertamente a necessidade de todos nós nos convertermos e refrescarmos a nossa memória, a fim de reconciliarmos as nossas Igrejas locais e de nos tornarmos mais credíveis para as sociedades secularizadas. Todos nós precisamos de questionar as nossas duras posições teológicas e pastorais para melhor responder aos desafios contemporâneos. *"O processo de secularização não provocou o desaparecimento do cristianismo, como alguns esperavam, mas a sua transformação"* (Tomáš Halík, Reflexão Espiritual Introdutória). Precisamos de uma eclesiologia kenótica, para não termos medo da morte de algumas formas de Igreja: *"A missão supera muitos problemas, porque significa sair de si mesmo. No perigo de perder, há uma maior possibilidade de receber"*.

2.6. Prestar especial atenção às famílias, às mulheres e aos jovens

45. Muitos discursos centraram-se no apoio às famílias, que são responsáveis pelo reforço e pela transmissão da fé e da formação litúrgica, nutrem os jovens e são agentes de evangelização: *"o lugar mais importante de formação é a família, que está em crise por várias razões: os esforços pastorais a favor das famílias devem ser realçados"* (Eslováquia). *"A família é a célula fundamental da sociedade, onde se aprende a tolerância e a aceitação proca, e para onde podemos regressar em tempos de crise. Por isso, somos chamados a trabalhar em prol do matrimónio e da família"* (Hungria). Este compromisso tem também um valor ecuménico e inter-religioso: *"As cinco confissões religiosas (Islão, Bektashi, Ortodoxos, Evangélicos, Católicos), oficialmente reconhecidas pelo Estado, formaram em conjunto um Conselho Inter-religioso. Para além do monoteísmo que nos caracteriza, o que mais nos une e pelo qual pensamos poder oferecer algo às pessoas de hoje, são os valores humanos que sentimos ser portadores"* (Albânia). Isto é dito com especial referência às famílias.

46. As contribuições de praticamente todas as delegações dedicaram espaço ao tema da participação e do papel das mulheres na Igreja. *"Muitas mulheres comunicaram a sua dor perante a negação da sua participação na vida da Igreja e falaram de sentimentos de exclusão e discriminação. As mulheres desempenham um papel crucial na vida da Igreja, mas muitos homens e mulheres falaram de uma Igreja que 'exclui' a plenitude dos dons das mulheres"* (Irlanda). Este é um dos pontos mais recorrentes e com palavras muito semelhantes, da Bielorrússia, que sublinha *"a atenção crescente dada ao papel das mulheres na vida da Igreja. Com base no sacramento do Batismo, enquanto membros do Povo de Deus com igual dignidade,*

devem ocupar o lugar que lhes compete na realização da missão e das actividades da Igreja”, até Lusburgo, que apela ao “reforço do papel das mulheres e da sua participação a todos os níveis da vida da Igreja, tendo finalmente em conta os seus carismas e talentos”.

47. Também não faltou atenção aos jovens, que representam mais o presente do que o futuro das nossas Igrejas. “Mais do que nunca, os jovens procuram a pertença, a autenticidade e a autonomia. Muitos sofrem de depressão e solidão e ninguém se preocupa verdadeiramente com eles e os ouve. Os jovens já estão na nossa Igreja agora, não apenas no futuro” (Países Baixos). A Eslováquia lamenta “a ausência de jovens na vida da Igreja”, enquanto nós precisamos de “jovens que aceitem esta missão de Cristo, que dêem testemunho, que conduzam um diálogo, que apresentem a outras comunidades e nações todos estes valores que trazemos nas nossas vidas como jovens católicos” (Conferência Episcopal Internacional dos Santos Cirilo e Metódio).

2.7. Tornar o método sinodal ordinário e estrutural

48. À medida que os trabalhos avançavam, foi surgindo a consciência da profundidade e da fecundidade do método do colóquio espiritual, também chamado por alguns de “método sinodal”: “O processo sinodal é um dom do Espírito Santo, que nos chama à escuta ativa, ao diálogo profundo e ao discernimento comunitário através da metodologia do colóquio espiritual” (Espanha). Como testemunha também a experiência direta dos trabalhos da Assembleia de Praga, a conversação espiritual promove uma dinâmica profunda nas pessoas envolvidas: permite ser escutado e pede que se aprenda a escutar, saindo dos próprios preconceitos e aceitando formas de expressão que também podem ferir. Acima de tudo, estimula a escuta pessoal profunda da Palavra de Deus, a oração comunitária e a conversão. Escuta-se os irmãos e as irmãs, mas, mais ainda, escuta-se o Espírito, que é o verdadeiro protagonista, e é-se levado a centrar-se no estilo do Senhor, e não na própria ideologia, para identificar os passos a dar em conjunto. É a isto que se refere o termo discernimento, que mesmo para alguns continua a ser pouco claro. Com as devidas adaptações, o método sinodal pode ser aplicado também nos âmbitos ecuménico, inter-religioso e social.

49. Para que a sinodalidade não continue a ser um termo abstrato e formal, o método sinodal “precisa de ser aprofundado, formado e institucionalizado” (Áustria). Por um lado, é necessária uma elaboração mais completa de uma teologia da sinodalidade; por outro lado, muitos sublinham a importância da “formação em sinodalidade, para o clero e os leigos em conjunto” (Inglaterra e País de Gales), especialmente através de processos de aprendizagem pela prática. Podemos crescer num estilo sinodal através da prática, sob a orientação do Espírito e com o acompanhamento de pessoas formadas. Assim, a delegação maltesa pergunta: “Dada a clara diferença que observámos entre os processos em que a ‘conversa espiritual’ era central e aqueles que pareciam reproduzir inquéritos normais, que competências e espiritualidade são necessárias para que a sinodalidade não permaneça apenas um conceito, mas tornar-se uma inspiração para as nossas estruturas, para que se tornem realmente espaços de discernimento comunitário onde a vontade de Deus está verdadeiramente no centro?”

50. O uso do método sinodal é, portanto, chamado a tornar-se estrutural, entrando na vida ordinária das comunidades *“como uma abordagem correcta para cada reunião eclesial e para a implementação de planos pastorais locais”* (Moldávia), a ponto de moldar um novo estilo de ser Igreja. De acordo com a delegação eslovaca, é prioritário *“trazer o espírito sinodal para a vida das comunidades locais - trazer a escuta ativa e o discernimento espiritual para os processos de tomada de decisão”*. Por esta razão, recomenda-se uma reflexão sobre as mudanças no direito canónico para encorajar o desenvolvimento de estruturas e processos baseados no método sinodal. Uma das prioridades é fazer das *“paróquias um lugar de verdadeira ‘cultura sinodal’, onde todos são convidados a participar, a manifestar-se, a dar o seu contributo para a ação pastoral, em conselhos ou assembleias, assumindo uma efectiva corresponsabilidade”* (Portugal). É também uma forma de tornar a Igreja menos clerical, fria e burocrática, como pedem alguns, sobretudo os jovens.

51. O que está em causa é continuar a aprender a ser uma Igreja sinodal, sem se contentar com os passos já dados, por mais belos que sejam, e testemunhar concretamente que é possível viver as tensões sem as ver como oposições irresolúveis que nos esmagam. Isto *“requer uma formação na prática concreta da sinodalidade e uma autêntica escuta do outro e do Espírito Santo”* (Países Baixos).

3. As Igrejas europeias perante a sinodalidade: questões e tensões

52. No centro do processo sinodal está a identificação das tensões que atravessam as igrejas na Europa. Como disse um delegado austríaco, as tensões podem ser oportunidades, mas depende da forma como se lida com elas: podem ser varridas para debaixo do tapete, ou transformadas num conflito com vencedores e vencidos, ou tornar-se o caminho para a sinodalidade, o que exige a abertura de espaços para a experimentação. *“A Europa tem uma história de conflitos religiosos, mas as tensões diminuem quando nos escutamos uns aos outros, por isso agradecemos a Deus por este processo de escuta sinodal”*.

53. As tensões múltiplas de vários tipos são frequentemente fonte de grande preocupação. No entanto, a imagem da tenda proposta pelo DEC torna claro que elas não são necessariamente negativas: sem tensão, a tenda desmorona-se, enquanto demasiadas tensões a prejudicam. As tensões correm o risco de se transformar em polarização, mas *“a polarização prejudica a Igreja, o corpo de Cristo”*. Em vez disso, *“as tensões podem ser ultrapassadas se a tenda for um espaço seguro onde todos sintam que podem falar e ser ouvidos. A conversação espiritual tem sido uma prática útil a este respeito”* (grupo de trabalho em linha de língua inglesa). Existe, portanto, um grande desafio: *“habitar as tensões”* (grupos de trabalho de língua francesa e italiana). *“As tensões permitem-nos ter a oportunidade de mudar de*

uma forma mais criativa e, em conjunto, podemos procurar formas de o fazer com sucesso" (grupo de trabalho de língua inglesa). Nesta linha, alguns preferem falar de complementaridade ou da capacidade de manter um equilíbrio entre polaridades. As sete tensões enumeradas pela Assembleia de Praga devem ser interpretadas nesta perspetiva: 1) a relação entre o anúncio da verdade do Evangelho e o testemunho da infinita misericórdia de Deus; 2) a articulação entre a fidelidade à tradição e a atualização ao apelo da voz do Espírito; 3) a liturgia como espelho da vida da Igreja, na qual se reflectem também as suas tensões; 4) o pluralismo das concepções de missão; 5) a capacidade de exercer a corresponsabilidade de todos na diversidade dos carismas e dos ministérios; 6) as formas de exercício da autoridade numa Igreja constitutivamente sinodal e constitutivamente hierárquica; 7) a articulação entre o local e o global, para salvaguardar tanto a unidade católica da Igreja como a possibilidade de se encarnar na variedade dos contextos e das culturas. Na continuação do caminho, as Igrejas europeias são chamadas a descobrir as suas potencialidades dinâmicas, evitando o risco de deflagração.

3.1. Verdade e misericórdia

54. Para exprimir esta tensão, algumas delegações recorrem às palavras do n.º 30 do DEC: *"O sonho é o de uma Igreja que viva mais plenamente o paradoxo cristológico: proclamar corajosamente o seu ensinamento autêntico e, ao mesmo tempo, oferecer um testemunho de inclusão e aceitação radical"*. Outros, usando uma linguagem diferente, falam de uma tensão entre pastoral e doutrinal, que deve ser abordada através do diálogo no seio do Povo de Deus.

55. Em todo o caso, a atitude de abertura e de acolhimento sugerida pela imagem do alargamento da tenda é considerada uma característica fundamental de uma Igreja autenticamente sinodal, uma medida da sua coerência, e não conhece limites. Reconhece a urgência de uma verdadeira proximidade a todos os pobres, excluídos, vítimas de injustiças e preconceitos, cuja dignidade é espezinhada: *"Não basta proclamar o seu acolhimento, mas é preciso descobrir com eles o seu lugar na Igreja"* (República Checa). Ao mesmo tempo, é sublinhado o risco de isso conduzir a uma diluição das exigências do Evangelho, que a Igreja é chamada a anunciar, *"Sente-se a necessidade de a Igreja comunicar a verdade cristã de forma autêntica e clara"* (Hungria) e teme-se que *"a consideração de soluções pastorais para estas questões possa preceder 'mudanças doutrinárias'"* (Polónia).

56. As palavras dos jovens eslovenos exprimem bem a tensão entre as duas exigências: *"Os jovens querem uma Igreja próxima das pessoas, incluindo as que estão à margem, aberta às questões das pessoas separadas e recasadas, das pessoas LGBTQIA+. Mas também querem que a Igreja diga claramente que nem tudo é aceitável! Por isso, a Igreja deve ouvir, mas também dizer toda a verdade com muito amor!"* (Eslovénia).

57. Ambas as ênfases são uma forma de responder à necessidade de autenticidade dos discípulos que querem comportar-se como o seu Senhor: *"A convergência entre*

o DEC e o discernimento das Igrejas locais reforça a preocupação de uma Igreja aberta a todos, porque com os olhos postos em Cristo: jovens, pobres e excluídos, pessoas com deficiência, homossexuais, divorciados e recasados, todos devem sentir-se esperados na Igreja e nela ter um lugar, porque são membros do mesmo corpo, o de Cristo (cf. 1 Cor 12)" (França). 1 Cor 12)" (França).

58. Acolher toda a gente como sinal do amor incondicional de Deus e proclamar a verdade do Evangelho são duas exigências enraizadas na missão única da Igreja: "Deus é a Verdade, por isso quer que cada pessoa possa conhecer esta Verdade e vivê-la. [...] Só Jesus Cristo é o único Senhor e Salvador do mundo. E o modelo de todas as relações interpessoais é Deus na Trindade das Pessoas" (Ucrânia, Igreja Latina).

59. Esta tensão não pode ser resolvida de uma vez por todas, mas deve ser vivida de forma responsável, resistindo às tentações das abordagens ideológicas e dando um passo em direção a uma maior profundidade espiritual: "a tensão entre pastoral e doutrina [...] pode corresponder à tensão entre amor e verdade. Em vez de as opor, não deveríamos antes articular a sua complementaridade no sentido do Salmo 85: "O amor e a verdade encontrar-se-ão? O caminho é o de um olhar contemplativo que permite conhecer melhor o Senhor Jesus e o modo como ele soube articular as duas pulsões: "a verdade fundamental de Jesus Cristo é um momento de graça e de misericórdia, porque a misericórdia conduz à verdade" (grupo de trabalho online em língua inglesa). Esta atitude contemplativa é a base do discernimento necessário: "A aceitação incondicional não impede o discernimento para articular misericórdia e verdade em situações específicas" (França).

60. Daí a necessidade de uma "formação na verdade e na misericórdia: uma formação que mantenha em tensão a autoridade da Escritura, da Tradição, do Magistério e da experiência pessoal" (Inglaterra e País de Gales). Mas, mais fundamentalmente ainda, encontramos aqui um apelo à conversão pessoal e comunitária: "Ao esforçar-se por alargar o espaço da sua tenda e ser mais inclusiva, como deve a Igreja mudar a si mesma, a sua doutrina ou a sua praxis? E em que medida deve ela pedir aos seus membros que mudem o seu coração e a sua mentalidade, chamando todos à conversão? Um caminho partilhado de conversão torna-se uma das primeiras formas de inclusão" (Malta).

3.2. Tradição e atualização

61. "Talvez a tensão mais generalizada na Europa seja o fosso crescente entre a Igreja e a cultura secular. Para colmatar este fosso, a linguagem da Igreja deve ser acessível a todos, sem diluir a mensagem do Evangelho" (Escócia). Devemos ter consciência de que "a linguagem da fé utilizada na Igreja é frequentemente muito diferente da que as pessoas entendem e utilizam na vida quotidiana da sociedade contemporânea" (Países Baixos). Perante esta constatação, a pergunta "O que é que Jesus Cristo quer da sua Igreja hoje?", formulada pela delegação portuguesa, foi repetida de forma variada e frequente.

62. O receio de uma rutura com a tradição é particularmente evidente no que diz respeito às diferenças entre as sensibilidades teológicas quanto à relação entre

a referência à tradição e a leitura dos sinais dos tempos. *"O fosso entre 'tradição' e 'modernidade' está a tornar-se mais largo e cada vez mais agressivo. Isto é particularmente doloroso no domínio da liturgia"* (países nórdicos).

63. Muitos delegados apelaram a mudanças rápidas e radicais como resultado do encontro entre a teologia e a cultura contemporânea: *"Temos de nos tornar uma Igreja de presença, que sabe ouvir e ser ouvida. Transformar a Igreja sem olhar apenas para dentro, mas abrindo os olhos ao mundo [... mantendo] um duplo dinamismo: um processo de reforma interna e uma resposta aos desafios do mundo contemporâneo, renovando e preservando a nossa identidade cristã"* (Luxemburgo).

64. Outros distanciaram-se da introdução de mudanças que poderiam comprometer a integridade do ensino da Igreja. Por exemplo, a delegação romena *"espera que a Igreja esteja aberta ao diálogo com o mundo sem se tornar 'do mundo'. Que os membros da Igreja falem com coragem e sem concessões em questões de fé e moral"*. Algumas intervenções deram voz ao receio de uma reforma inadequada da Igreja, que diminuiria a mensagem do Evangelho: *"Pensamos que não é correto que a Igreja se adapte ao 'mundo' só para não se sentir perseguida, ou considerada 'fora de moda'"* (Albânia).

65. Mais uma vez, habitar a tensão entre tradição e aggiornamento sem se deixar esmagar por ela exige a capacidade de articular dinamicamente a relação entre os dois pólos: *"Todos nós desejamos desenvolver e implementar novas ideias, mas precisamos de encontrar um equilíbrio entre a tradição da Igreja e as novidades"* (Estónia). *"O problema urgente parece ser o de encontrar um consenso sensato entre as divergências e as soluções pastorais que, sem comprometer a coerência doutrinal, permitam uma resposta mais adequada aos desafios pastorais contemporâneos"* (Polónia). Para isso, afirma-se que *"é preciso prestar uma atenção séria à teologia da Tradição viva (DV 8), que inclui, sim, a memória histórica, mas também um discernimento e um juízo cuidadosos, orientados para os novos desafios da nossa sociedade. O ponto de partida, portanto, é a escuta do Espírito Santo e o discernimento dos sinais dos tempos (GS 4), que corajosamente vai para além da experiência histórica"* (República Checa). A sinodalidade não pode ser manipulada e dobrada para apoiar posições ideológicas, nem equivale a consagrar todas as opiniões expressas durante as consultas. É antes um modo dinâmico de nos escutarmos uns aos outros com humildade e plena abertura de coração ao que o Espírito Santo nos propõe.

3.3. A liturgia como perspectiva de leitura das tensões na Igreja

66. A centralidade da liturgia, na qual se reúne e se alimenta toda a vida da Igreja, faz dela um espelho no qual se reflecte a comunidade, incluindo as suas tensões. Por exemplo, é significativo e estimulante para o discernimento na Europa o facto de a liturgia ser muito frequentemente mencionada em relação a tensões complexas ou dificuldades pastorais, enquanto a alegria da liturgia em geral e da Eucaristia em particular raramente encontra expressão. Isto pode ser demasiado óbvio, mas continua a ser questionável a este respeito.

67. De um ponto de vista fundamental, é possível detetar a ligação entre a Igreja e a liturgia, entre a eclesiologia e a teologia da liturgia: *"A dimensão litúrgica na Igreja é um lugar de fortes tensões. Estas tensões fazem parte de uma tensão mais profunda de carácter eclesiológico. A tensão eclesiológica resulta frequentemente de uma visão da Igreja baseada nas próprias expectativas"* (Grupo de trabalho em língua italiana). É neste contexto que se devem compreender as tensões e os sofrimentos ligados à forma antiga da liturgia romana, com referências explícitas à liturgia pré-conciliar segundo o missal de 1962 em França, Inglaterra e País de Gales, e nos países nórdicos.

68. A liturgia é várias vezes mencionada em ligação com os sacramentos da iniciação cristã, e em particular com a Confirmação, o que representa um grande desafio em contextos onde não corresponde a uma inserção na vida e na missão da Igreja, mas a um distanciamento. Em vários países, há apelos à reflexão e à ação para uma linguagem litúrgica renovada e, mais profundamente, para desejar uma renovação que articule o mistério da fé e da liturgia, por um lado, e a relação entre liturgia e vida, por outro. *"Alguns fiéis notam que, em geral, na Bulgária, os padres e a Igreja não usam uma linguagem contemporânea, enquanto os tempos mudaram e as igrejas estão meio vazias"* (Bulgária). Noutros lugares, existe também uma tensão entre o desejo de espiritualidade e uma liturgia demasiado formal. Uma dificuldade particular é representada pela homilia: é necessário *"prestar atenção à formação e ao apoio dos sacerdotes [...], que devem estar próximos do Povo de Deus, exprimindo também a proximidade de toda a Igreja através da simplicidade da pregação, que deve estar presente em todo o lado"* (Mukachevo).

69. Em conclusão, *"a liturgia é o espaço onde Deus nos convida a formar um povo e nos dá o poder do seu Espírito para nos juntarmos a Jesus na sua missão. Precisamos de aprofundar a nossa compreensão de como a forma como celebramos as nossas liturgias nos pode formar ainda mais como Igreja sinodal"* (Malta).

3.4. Compreender a missão

70. A um nível mais profundo, as tensões acima mencionadas estão ligadas às que dizem respeito à compreensão da missão: *"A que é que somos chamados? Alguns podem confundir ser membro de uma igreja com retirar-se para um casulo confortável. Outros imaginam-na mais como um espaço onde cada um pode misturar e combinar o que quiser, sem qualquer sentido de compromisso ou conversão. Para alguns, não é claro o que implica a missão. E se a Igreja é toda ministerial, como podemos compreender os dons específicos dos ministros ordenados no seio do único povo santo de Deus?"* (Malta). As implicações destas tensões precisam de ser amadurecidas: *"Em geral, parece que há necessidade de uma apropriação e assimilação mais completa de conceitos como 'missionário' e 'dimensão missionária' da atividade da Igreja"* (Ucrânia, Igreja Greco-Católica). Encontramos aqui um pluralismo de interpretações: algumas Igrejas locais consideram que a tarefa de uma Igreja missionária é o reforço da catequese e o crescimento da prática religiosa; outras entendem a missão como sair para o mundo para tornar tangível o amor de Deus para todas as pessoas, especialmente para os excluídos e para aqueles que a Igreja feriu; outras acrescentam que a Igreja deve ser uma casa para todas as

peçoas, especialmente para os jovens. Em suma, percebe-se uma tensão “entre estar fechado dentro da própria comunidade (elitismo) e a necessidade de sair em missão” (Eslováquia).

71. Uma tensão na compreensão da missão é também evidente nas intervenções das Igrejas locais gravemente afectadas por casos de abuso sexual: como podem ser Igrejas missionárias quando acabaram de infligir um grande sofrimento a muitas pessoas? Trata-se da credibilidade da Igreja. Reconhecendo a dor das vítimas, são reconhecidas e expressas tensões graves. Por fim, também entre as tensões relacionadas com a missão, “*exprime-se o receio de que o processo sinodal permaneça sem consequências estruturais concretas, que são vistas como um pré-requisito para uma missão credível*” (Áustria).

3.5. Corresponsabilidade de todos, na diversidade de carismas e ministérios

72. “*A sinodalidade da Igreja exige também o reconhecimento dos dons e carismas de cada crente, a igual dignidade de cada um, procurando a articulação sinfónica das diferentes vocações na Igreja. Se é necessário reconhecer a autoridade dos pastores e a missão que receberam, é igualmente necessário reconhecer o sensus fidei de cada crente, seja ele clérigo ou leigo. Pelo contrário, o ministério ordenado pode ser entendido como estando ao serviço da vida batismal, dando a cada crente batizado e confirmado a plena participação na vida e na missão da Igreja*” (França).

73. Uma das manifestações mais visíveis do sacerdócio comum no quadro da sinodalidade é o exercício de ministérios específicos e de funções de responsabilidade, bem como a participação no governo da Igreja a diferentes níveis, como forma de concretizar a corresponsabilidade de todos os batizados pela missão da Igreja, com base na sua dignidade batismal comum. É por isso que falamos de uma Igreja ministerial como um desafio concreto, antes de mais pela nossa capacidade de imaginar formas concretas para a sua realização. O processo sinodal conduz ao desejo de uma Igreja fraterna “*sem desvios clericais*” (Bélgica) no exercício de todos os ministérios, ordenados e não ordenados: “*Numa Igreja ‘toda ministerial’, repensar a tarefa e a identidade dos sacerdotes*” (Itália); ou, com uma ênfase diferente, “*O envolvimento dos leigos é uma oportunidade para complementar, mas não substituir, a missão das pessoas ordenadas*” (Hungria).

74. Nesta perspectiva, a Assembleia de Praga reafirma que “*o ministério sacerdotal é um grande dom de Deus para a Igreja*” (França) e exprime de várias formas uma profunda preocupação pelos padres. Suscita o seu desejo de “*uma imagem positiva da figura do padre*” (Áustria), mas também o dos fiéis de que há quem se preocupe com os padres e se preocupe com a sua solidão: “*os jovens constataam que os padres, na sua maioria, estão mal formados para trabalhar com as pessoas, mas também muitas vezes sozinhos e sem os interlocutores adequados*” (Eslovénia). Por outro lado, há uma falta de reflexão sobre o diaconato ordenado, exceto nos casos em que se prevê a sua abertura às mulheres.

75. Algumas contribuições apontam também para a existência de questões relativas aos limites de acesso ao ministério ordenado: “*A variabilidade histórica da*

figura do padre deve estar aberta ao debate sobre a ordenação de homens casados" (República Checa). Outro ponto diz respeito à ordenação de mulheres ao diaconado, embora esta não seja uma questão simples: *"Há também tensões relativamente a questões ditas fracturantes, como o acesso das mulheres ao sacramento da ordem, a ordenação de homens casados"* (Portugal). Em particular, *"as opiniões dividem-se quanto à ordenação de mulheres ao diaconado/presbiterato"* (grupo de trabalho de língua inglesa), sendo que algumas contribuições sublinham que *"a questão do acesso das mulheres aos ministérios ordenados precisa de ser aprofundada"* (Luxemburgo).

76. A um nível mais alargado, muitas delegações abordaram a questão do acesso das mulheres ao exercício da autoridade: *"a questão do sacerdócio das mulheres não é um tema quente, mas tivemos muitos debates sobre a participação das mulheres nos processos de tomada de decisão"* (Lituânia). Para alguns, é uma condição para uma maior fecundidade da Igreja na Europa: *"Não há dúvida: a participação dos leigos e, especialmente, das mulheres a todos os níveis da Igreja é sentida como uma prioridade. [...] a Igreja precisa da voz e das qualidades específicas de liderança e de construção de comunidades das mulheres"* (Países Baixos).

77. Em todo o caso, há uma grande convergência: *"Promover a corresponsabilidade real e efectiva do Povo de Deus, superando o clericalismo. É importante promover os ministérios laicais"* (Espanha). Não se trata apenas de uma questão do lugar da mulher na Igreja, mas de uma compreensão da variedade dos ministérios como expressão do carácter sinodal da Igreja.

78. Isto exige um aprofundamento da questão da colaboração entre padres e leigos na missão da Igreja: *"O que ainda falta não é apenas a experiência de uma comunidade de vida, mas também uma colaboração saudável entre padres e leigos"* (Lituânia). Muitas intervenções identificam-no como um lugar de tensão ou frustração, chegando mesmo a vê-lo como uma tensão entre instituições e carismas. Por isso, *"parece importante modelar a cooperação e a assunção de ministérios com base nas capacidades"* (países nórdicos).

79. Para que esta colaboração seja frutuosa, insiste-se na necessidade de uma formação específica, para os seminaristas (formação inicial), para os sacerdotes (formação permanente), e não só: *"A formação de todos os baptizados é indispensável para os ajudar a redescobrir o sentido da sua vocação e da sua tarefa na Igreja, numa lógica de corresponsabilidade e não de substituição"* (Grupo de Trabalho em italiano). Esta formação deve ser permanente e envolver sacerdotes e leigos em conjunto, o que exige a criação de espaços e oportunidades de experimentação. Por fim, a delegação turca foi a única a mencionar a formação de padres vindos do estrangeiro, um fenómeno que diz respeito a quase todos os países europeus, que *"têm de aprender muito bem a língua e a cultura para poderem incarnar e encarnar a Boa Nova na cultura local"* (Turquia).

3.6. O exercício da autoridade numa Igreja sinodal

80. Muitas intervenções abordaram vários aspectos do exercício da autoridade

na Igreja. A verdadeira renovação eclesial e missionária que o atual processo sinodal tem em vista radica em dois princípios: na Igreja, toda a autoridade específica vem de Cristo e é guiada pelo Espírito Santo: *“Qualquer verdadeira renovação e reforço da sinodalidade da e na Igreja deve partir dos princípios fundamentais da própria Igreja, da base sobre a qual a Igreja foi fundada por Jesus Cristo nosso Senhor”* (Países nórdicos). A consequência diz respeito à própria natureza da Igreja, na qual o Espírito Santo continua a atuar ainda hoje. *“A Igreja é essencialmente sinodal e essencialmente hierárquica. As tarefas e os desafios envolvidos podem ser descritos como “tomada de decisões” e “tomada de decisões”. Não pode haver vencedores nem vencidos. O Espírito Santo [...] é muitas vezes a terceira opção”* (Áustria).

81. *“Há rigidezes a ultrapassar: formas excessivamente hierarquizadas de entender o exercício da autoridade, formas de clericalismo a vários níveis (e não só entre os padres), esquecimento de que quando algo afecta todos, deve ser discutido com todos. Quem tem uma responsabilidade na comunidade tem a tarefa de envolver e valorizar o contributo de todos, porque todos temos algo a aprender com todos”* (Itália). Além disso, *“o sacerdócio comum de todos não contradiz o sacerdócio ministerial, e vice-versa. Já nos especializámos na deliberação comum no processo sinodal. Como é que podemos chegar a deliberar em conjunto?”* (Alemanha).

82. Por isso, é necessária uma mudança profunda: *“Deve ser construído um modelo institucional sinodal para o exercício do poder e da autoridade na Igreja, com estruturas e órgãos que reflectam o espírito da sinodalidade [...] e não tenham apenas funções consultivas”* (Mukachevo). *“A sinodalidade parece exigir uma profunda mudança de mentalidade na Igreja, especialmente naqueles que exercem responsabilidades dentro dela”* (Bélgica). Por outro lado, *“os fiéis devem estar mais conscientes de que fazem parte da Igreja e que são necessários para o trabalho da Igreja, lembrando que a diversidade de carismas sem uma ordem hierárquica se torna anarquia, assim como o rigor da hierarquia sem um carisma vivo se torna ditadura”* (Mukachevo).

83. Esta mudança deve refletir-se em decisões concretas, sobre as quais a Igreja é chamada a discernir. *“A coragem e a sabedoria do Espírito serão indispensáveis para fazer renascer e inspirar as mudanças doutrinárias, estruturais, canónicas e pastorais necessárias, sem destruir a comunhão nem perder de vista a pessoa e o ensinamento de Jesus Cristo”* (Irlanda). É evidente que os bispos são actores essenciais nesta mudança para um exercício renovado e sinodal da autoridade. *“Acreditamos no valor do ministério episcopal”* (Itália).

84. A autoridade deve ser exercida numa governação mais fraterna e participativa: *“Para experimentar uma melhor governação na Igreja, muitos apelam a que se repense uma governação mais participativa, que dê espaço à escuta e ao discernimento, concebendo a autoridade como um ato de amor e de serviço”* (França), mas também é apontada *“uma tensão entre autoridade e ministério”* (Grupo de Trabalho Multilingue). Depois, há algumas exigências próprias das sociedades europeias: *“para ser um parceiro digno de confiança e credível na esfera pública e junto dos cidadãos, a Igreja*

européia tem de cumprir as normas de funcionamento e de governação adquiridas na sociedade. Daí a necessidade de transparência, responsabilidade e liderança participativa" (Bélgica). Para tal, "devem ser criados ou renovados mecanismos de consulta regular entre o clero, os leigos e os religiosos, assegurando a transparência, uma melhor comunicação e a corresponsabilidade" (Escócia).

85. A característica mais essencial assinalada por muitos contributos é a ligação entre autoridade e escuta, a propósito da qual a tradição teológica remete para a noção de *sensus fidei fidelium* (instinto de fé dos fiéis). O Sínodo 2021-2024 dá uma ênfase renovada a este facto, que "é motivo de grande alegria, encorajamento e esperança para todos aqueles que amam a Igreja como Povo de Deus" (Irlanda).

3.7. Unidade na diversidade: entre o local e o universal

86. A Assembleia Continental Europeia em Praga foi uma oportunidade para experimentar a unidade na diversidade. "A diversidade na Igreja Católica é uma riqueza. Como sabemos, existem dois pulmões, o católico oriental e o católico ocidental. Cada um tem a sua própria maneira de pensar, de falar e até de governar" (Chipre). O caminho sinodal tem sido uma oportunidade para perceber e apreciar esta diversidade: "Apesar de a aproximação e o diálogo nem sempre terem sido fáceis, muitos católicos russos consideraram o processo sinodal enriquecedor e útil. Permitiu-lhes descobrir que a Igreja, em Cristo, é uma só família e que ser multi-étnico, multi-cultural e multi-textual é uma riqueza" (Rússia). O resultado é um convite a "ter mais em conta a diversidade das formas de viver a fé, que, na nossa opinião, se exprime bem na valorização das tradições, tanto rituais como teológicas, que estão ao mesmo tempo unidas sobre o fundamento da única fé da Igreja universal" (Mukachevo). As Igrejas Orientais conservaram instituições que dão expressão à sinodalidade da Igreja: elas "podem trazer muitos elementos positivos para a compreensão do caminho sinodal da Igreja, especialmente através da adaptação de mecanismos já existentes para o governo da Igreja *sui iuris*" (Ucrânia, Igreja Greco-Católica). No entanto, as Igrejas Orientais são também convidadas a renovar as instituições existentes e a recuperar aquelas que desapareceram ou caíram em desuso: pede-se "para além da desejada conversão sinodal na comunhão da Igreja, também a possível revisão de algumas normas canónicas para melhor refletir a identidade desta Igreja e facilitar e apoiar a sua missão tanto nos seus territórios canónicos como na diáspora" (Roménia).

87. O apelo a viver a unidade na diversidade também ressoa quando as Igrejas têm de lidar com questões que dizem respeito a um contexto específico num momento específico e que podem, portanto, exigir uma resposta contextual: esta é a questão da descentralização numa Igreja que é simultaneamente local e universal. É necessário que haja clareza e transparência quanto a quem pode decidir que questão deve ser tratada a nível local, regional ou universal. Numerosas contribuições apelaram a instituições e estruturas canónicas adequadas que ajudem a pôr em prática a sinodalidade, de modo a que, a todos os níveis, os processos de discernimento tenham lugar de uma forma autenticamente sinodal.

88. Também à luz da experiência positiva da Assembleia de Praga, foi feita

uma proposta específica para a criação de uma Assembleia Eclesial para a Europa: *“Poderia ter lugar em 2025. Seis anos depois de o Concílio ter promulgado a Constituição Pastoral Gaudium et Spes, esta Assembleia da Igreja poderia reunir-se para partilhar “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo”. Poderíamos escutar o grito dos pobres e da terra na Europa e no mundo, poderíamos rezar e trabalhar juntos pela justiça e pela paz”* (Discurso livre de um convidado).

4. Perspectivas e prioridades

89. Ao longo dos dias da Assembleia, fizemos uma experiência espiritual que nos levou a experimentar, pela primeira vez, que é possível encontrarmo-nos, escutarmos e dialogar a partir das nossas diferenças e para além dos muitos obstáculos, muros e barreiras que a nossa história nos coloca no caminho. Precisamos de amar a variedade dentro da nossa Igreja e apoiarmo-nos mutuamente na estima mútua, fortalecidos pela nossa fé no Senhor e pelo poder do seu Espírito.

90. É por isso que queremos continuar a caminhar num estilo sinodal: mais do que um método, consideramo-lo um modo de vida da nossa Igreja, de discernimento comunitário e de discernimento dos sinais dos tempos. Em termos concretos, queremos que esta Assembleia Continental não seja uma experiência isolada, mas que se torne um encontro periódico, baseado na adoção geral do método sinodal que permeia todas as nossas estruturas e procedimentos a todos os níveis. Neste estilo, será possível abordar as questões sobre as quais os nossos esforços precisam de amadurecer e intensificar-se: o acompanhamento das pessoas feridas, a liderança dos jovens e das mulheres, a abertura para aprender com as pessoas marginalizadas...

91. O estilo sinodal permite também enfrentar as tensões numa perspetiva missionária, sem se deixar paralisar pelo medo, mas tirando delas a energia para continuar o caminho. Duas em particular emergiram no nosso trabalho. A primeira apela à unidade na diversidade, fugindo à tentação da uniformidade. A segunda liga a disponibilidade para acolher, como testemunho do amor incondicional do Pai pelos seus filhos, com a coragem de anunciar a verdade do Evangelho na sua totalidade: é Deus que promete *“O amor e a verdade encontrar-se-ão”* (Sal 85,11).

92. Sabemos que tudo isto é possível porque o experimentámos durante esta Assembleia, mas mais ainda porque a vida das Igrejas de onde provimos o testemunha. Pensamos aqui, em particular, no diálogo ecuménico e inter-religioso, cujos ecos ressoaram fortemente nos nossos trabalhos. Mas, sobretudo, acreditamos que é possível porque a graça está envolvida: construir uma Igreja cada vez mais sinodal é, de facto, um modo de concretizar a igual dignidade de todos os membros da Igreja, fundada no batismo, que nos configura como filhos de Deus e membros do corpo de Cristo, co-responsáveis pela missão única de evangelização confiada pelo Senhor à sua Igreja.

93. Estamos confiantes de que a continuação do Sínodo 2021-2024 pode apoiar-nos e acompanhar-nos, nomeadamente abordando certas prioridades durante a Assembleia Sinodal em outubro de 2023:

- aprofundar a prática, a teologia e a hermenêutica da sinodalidade. Temos de redescobrir algo que é antigo e pertence à natureza da Igreja, e que é sempre novo. Esta é uma tarefa para nós. Estamos a dar os primeiros passos num caminho que se vai abrindo à medida que o percorremos;
- abordar o significado de uma Igreja toda ministerial, como horizonte no qual situar a reflexão sobre os carismas e os ministérios (ordenados e não ordenados) e as relações entre eles;
- explorar formas para um exercício sinodal da autoridade, ou seja, o serviço de acompanhamento da comunidade e de guarda da unidade;
- clarificar os critérios de discernimento para o processo sinodal e a que nível, do local ao universal, as decisões devem ser tomadas.
- tomar decisões concretas e corajosas sobre o papel das mulheres na Igreja e sobre o seu maior envolvimento a todos os níveis, incluindo nos processos de tomada de decisão (tomada de decisão e tomada de decisão);
- considerar as tensões em torno da liturgia, para que a Eucaristia seja sinodalmente entendida como fonte de comunhão;
- cuidar da formação para a sinodalidade de todo o Povo de Deus, com particular atenção ao discernimento dos sinais dos tempos em vista da realização da missão comum;
- Renovar o sentido vivo da missão, superar a fratura entre fé e cultura para voltar a levar o Evangelho ao coração das pessoas, encontrar uma linguagem capaz de articular tradição e atualização, mas sobretudo caminhar com as pessoas em vez de falar delas ou para elas. O Espírito pede-nos que escutemos o grito dos pobres e da terra na nossa Europa, e em particular o grito desesperado das vítimas da guerra que pedem uma paz justa.

94. Amar a Igreja, a riqueza da sua diversidade, não é uma forma de sentimentalismo por si mesmo. A Igreja é bela porque é assim que o Senhor a quer, tendo em vista a missão que lhe confiou: anunciar o Evangelho e convidar todos os homens e mulheres a entrar na dinâmica de comunhão, participação e missão que constitui a sua razão de ser, animada pela vitalidade perene do Espírito. Amar a nossa Igreja europeia significa, portanto, renovar o nosso compromisso de realizar esta missão, também no nosso continente, numa cultura marcada pelas muitas diferenças que conhecemos.

95. Confiamos a continuação do nosso caminho sinodal aos Santos Padroeiros e Mártires da Europa.

Adsumus Sancte Spiritus!

Observações finais dos bispos

Agradecemos ao Senhor pela experiência de sinodalidade que, pela primeira vez a nível continental, nos viu - bispos, sacerdotes, pessoas consagradas, leigos e leigas - lado a lado. Alegramo-nos porque, durante estes dias em Praga, constatámos que os momentos de oração vividos em conjunto e, mais ainda, os trabalhos de assembleia, foram uma experiência profundamente espiritual e verdadeiramente sinodal. A escuta recíproca, o diálogo fecundo, o relato de como as nossas comunidades eclesiais viveram a primeira fase do processo sinodal e se prepararam para este encontro continental, são um sinal claro da nossa pertença única a Cristo.

Os relatórios nacionais, os trabalhos de grupo e as numerosas intervenções que ouvimos foram reunidos no documento final apresentado à Assembleia, que será o contributo das Igrejas na Europa para a redação do *Instrumentum laboris* do Sínodo. Agradecemos a todos aqueles que partilharam as suas experiências com franqueza e respeito pelas diferentes sensibilidades; agradecemos também ao Comité de Redação pelo grande trabalho realizado na redação do documento.

Como fruto desta experiência sinodal, nós, bispos, comprometemo-nos a continuar a viver e a promover o processo sinodal nas estruturas e na experiência das nossas dioceses. Esta experiência de solicitude por toda a Igreja na Europa animou-nos no nosso compromisso de viver fielmente a nossa missão universal. Comprometemo-nos a apoiar as indicações do Santo Padre, sucessor de Pedro, para uma Igreja sinodal alimentada pela experiência de comunhão, participação e missão em Cristo.

Queremos caminhar juntos, povo santo de Deus, leigos e pastores, peregrinos pelos caminhos da Europa para anunciar a alegria do Evangelho que brota do encontro com Cristo, e queremos fazê-lo juntamente com tantos irmãos e irmãs das outras confissões cristãs.

Queremos esforçar-nos por alargar o espaço das nossas tendas, para que as nossas comunidades eclesiais sejam lugares onde todos se sintam bem-vindos.

Praga, 11 de fevereiro de 2023

Memorial da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes